

## **Memória e representação: o imaginário social da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na CDD**

Graziela dos Santos Lima<sup>1</sup>, Maria Leandra Bizello<sup>2</sup> e Carlos Cândido de Almeida<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Código ORCID: 0000-0003-3861-2937, Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, SP, Brasil. Endereço electrónico de contacto: graziela.dsl@gmail.com

<sup>2</sup>Código ORCID: 0000-0002-6009-2635, Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, SP, Brasil. Endereço electrónico de contacto: mleandra23@gmail.com

<sup>3</sup>Código ORCID: 0000-0002-8552-1029. Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, SP, Brasil. Endereço electrónico de contacto: carlos.c.almeida@unesp.br

**Tipo de contribuição:** poster

**Palavras-chave:** Memória; representação; imaginário social; CDD; Cultura; História Afro-brasileira.

### **1 Introdução**

O presente artigo versa sobre a memória e a representação do conhecimento do afro-brasileiro no Sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD), os quais contribuem na retroalimentação do imaginário social devido às limitações que o instrumento de classificação possuem em relação a história e cultura das populações de origem africana.

A biblioteca, segundo Nora (1993), é um lugar de memória onde estão guardados os conhecimentos das culturas e histórias dos seres vivos e mortos. Sendo um lugar de memória colabora para que não estimule o esquecimento. A biblioteca, para o entendimento do assunto em questão e auxiliar nas discussões, é a biblioteca pública, aquela de uso da população com sua diversidade cultural. Dessa forma, refletimos sobre essa diversidade impressa na realidade brasileira e suas bibliotecas públicas. Geralmente, o sistema de classificação utilizado por bibliotecas brasileiras, em sua maioria, é a CDD. É um sistema de classificação adotado em mais de 135 países e traduzido para mais de trinta línguas (Miranda, 2009). Enfatiza-se neste artigo que não foram quantificadas as bibliotecas brasileiras que utilizam a CDD como instrumento de classificação, mas é um meio para pensar a fragilidade que o instrumento possui perante a grupos majoritariamente discriminados, em especial, as populações afro-brasileiras. Por obra do racismo, estas populações tiveram sua história e memória fragmentadas, mas, ao longo do tempo, devido há alguns resquícios (fontes documentais em arquivos e memórias orais) muitas vezes acumulados e organizados por pesquisadores da área da história, sociologia e antropologia, dentre outras áreas, possibilitaram a sua reconstituição.

As informações refletidas das histórias e culturas das populações, geralmente são retiradas por meio de pontos de acessos que constam nos sistemas de classificação. Este sistema possibilita o acesso às fontes informacionais que estão no acervo da biblioteca e é por meio dessas fontes que são registradas as histórias e a memória de uma população que é organizada tanto no meio digital quanto no meio físico (acervo da biblioteca).

A CDD representa e dá acesso à memória. E essa memória está relacionada a uma perspectiva de sociedade que não condiz com a realidade da sociedade brasileira. No entanto, qualquer construção de sistema de classificação não está imune às influências ideológicas de quem construiu e

particularmente, pode limitar, excluir e deturpar a representação da informação dos afro-brasileiros, sua história e cultura.

Este trabalho é de natureza bibliográfica que, por meio da técnica de análise de conteúdo, verificamos elementos identificados, pelos autores abaixo, nas publicações relacionadas a cultura afro-brasileira e o sistema de classificação que auxiliam na alimentação do imaginário social relacionada à cultura afro-brasileira. Para a análise foram utilizados os artigos de: Miranda et al (2016) intitulado “A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH)”, Miranda (2007) com o artigo “A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendentes em religião na CDD” e o artigo de Silva e Almeida (2017) “A representação do negro em Sistema de Organização do conhecimento no Brasil”. Nessa perspectiva, o propósito é refletir sobre a história, cultura e memória afro-brasileira e sua representação na CDD que os limita e, por vezes, os excluem e por esse motivo contribuem na retroalimentação do imaginário social que interfere na representação da realidade. Somado a isso, este artigo tem como hipótese: a representação do conhecimento nas bibliotecas por meio da CDD, colabora para o apagamento e limitação da história e memória dos afrodescendentes no Brasil. Sendo assim, contribui na retroalimentação do imaginário social como sendo uma cultura, limitada, primitiva e sem valorização.

O sistema de classificação, a CDD, é considerado um sistema universal que possibilita acesso ao conhecimento sobre histórias e memórias. Para tanto, se faz necessário a problematização de como a CDD retroalimenta o imaginário social com relação a história e cultura afro-brasileira. Para refletir sobre o questionamento, pautamos no entendimento sobre memória utilizando os autores Pierre Nora (1993), Halbwachs (1990) e Jardim (1995). Como a memória é uma construção social e, nesse sentido, imersa e constituída por signos, se faz necessário refletir sobre o imaginário social, que necessita de meios simbólicos para existir, utilizaremos para tal reflexão, Castoriadis (1982), Baczko (1985) e Durand (1998).

## **2 Memória**

A memória, diz respeito à experiência humana perante a sua existência no mundo, dessa forma, para Halbwachs (1990), a memória é uma construção social. Sendo uma construção social ela é “elaborada e selecionada a partir da problemática do presente, indicando que há possibilidade de atribuição de significações para o grupo que recorda” (Cardoso, 2010, s/p). Esta seção tem o objetivo de refletir sobre o conceito de memória e o seu papel enquanto materialidade para a sua perpetuação na sociedade.

Em se tratando da representação da população negra no sistema de classificação, é por meio desta que os usuários têm acesso a memória e história desse povo. O termo memória e história dialogam-se entre si mas possuem aspectos diferentes. Para Pierre Nora (1993) memória e história não são sinônimos. A memória, para o mesmo autor, situa-se em vida, e se manifesta por meio de grupos de pessoas e está em permanente evolução “aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações” (Nora, 1993, p. 9).

Muitas fontes de informações sobre a população de origem africana foram realizadas por meio de pesquisas orais, utilizando-se técnicas de entrevistas. Os relatos, por vezes, não ficam fidedignos, pois a memória são lembranças do passado que se manifestam de forma fragmentada no presente. Já a história, é a reconstrução do que não existe mais, o passado. Demanda uma ação intelectual de modo a realizar uma análise e um discurso crítico sobre um determinado registro. Porém, tanto a memória quanto a história se realizam no concreto, ou seja, há uma materialidade e para a sua perpetuação necessitam de um local, local de memória (Nora, 1993).

Sobre a história e memória das populações de origem africana, a situação que a população afro passou antes e após o período da abolição deixou resquícios nos descendentes dos africanos escravizados na contemporaneidade. Estes resquícios estão presentes tanto na autoestima, que foi destruída por intermédio da ridicularização de suas características físicas, quanto nos aspectos de invisibilização e inferiorização da cultura, memória e história, que incutiu aspectos de inferioridade e subalternidade nos afrodescendentes por intermédio do imaginário social construído pelo grupo dominante e naturalizado por meio do discurso da democracia racial que inviabiliza a real história das populações de origem africana.

Por meio das ações de movimentos sociais negros e pesquisadores houve tentativas de tirar do esquecimento, a memória das populações de origem africana, bem como visibilizar a sua participação na sociedade brasileira, por meio de elaboração de fontes informacionais orais, relatos dos próprios afros.

Segundo Francilene Cardoso (2010, s/p), a memória não é natural e nesse sentido, ela pode ser seletiva intencionalmente, organizada segundo a autora, “em função das preocupações pessoais e políticas”. Contudo, a memória também se movimenta com base em ideologias. Compreende-se ideologia como a maneira “pelas quais as formas simbólicas são usadas para a implantação e para a manutenção de relações de dominação” (Costa, 1997, p. 144). Os pensamentos influenciados por meio de ideologias podem interferir numa imagem distorcida da realidade e é o que podemos ver nos sistemas de classificação quando este representa de forma limitada outras culturas e saberes, geralmente os que se localizam no hemisfério sul.

### **3 A CDD como instância material da memória: o caso da cultura e história afro-brasileiras**

As influências são adquiridas por diversos fatores, tais como, o contexto onde o sujeito se situa, o grupo do qual faz parte, as instituições e todo lugar onde houver sistemas simbólicos e uma linguagem no qual seja externalizada pode ser alimentado e retroalimentado pelo imaginário social que, de certa forma, interfere nas representações. Esta seção tem o objetivo de refletir a materialidade e a propagação do imaginário social pela CDD.

O imaginário quer dizer algo inventado utilizando signos, que “pode ser uma invenção ‘absoluta’ (‘uma história imaginada em todas as suas partes’), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não em suas significações ‘normais’ ou ‘canônicas’” (Castoriadis, 1982, p.154). Nesse sentido, para o mesmo autor, o imaginário se separa do real, mas se coloca no lugar dele. O imaginário utiliza-se do simbólico para existir, ou seja, “para passar do virtual a qualquer coisa a mais” (Castoriadis, 1982, p. 154). No entanto, a “influência decisiva do imaginário sobre o simbólico pode ser compreendida a partir da seguinte consideração: o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre esses dois termos, de maneira que um ‘representa’ o outro.” (Castoriadis, 1982, p.155).

Para Baczko (1985), o imaginário é um conjunto de representações coletivas relacionadas ao poder e orientado por conflitos. O autor compreende o imaginário social como um fenômeno histórico, tanto no plano material quanto no plano simbólico. Na visão de Durand (1998), o imaginário social é constituído pela cultura, padrões de conduta, os códigos, as normas, bem como a afetividade, as imagens, os ritos e as mitologias. É definido como um elemento fundamental da condição humana, e é constituído por uma rede simbólica que estrutura o modo de percepção do ser humano é como delineador do pensamento humano, uma vez que institui sentido e cria espaço para indeterminação do sujeito e da sociedade (Castoriadis, 1982).

Segundo Magalhães (2016), a representação é um elemento fundamental para o imaginário social, pois transporta do meio simbólico para o meio social. É na representação em que são articuladas

estratégias de poder e dominação. Também é por meio da representação que classificamos as coisas e compreendemos a realidade do mundo social (Chartier, 2002). No imaginário social que ocorrem as classificações e as hierarquizações conforme o interesse de uma determinada ideologia (Castoriadis, 1982). Com base no exposto, o Sistema de Classificação de Dewey também pode ser considerado um sistema simbólico pautado na ideologia dominante, com base no pensamento ocidental, na qual deixa evidente qual o conhecimento deve ser acessado e passível de conhecer, ao contrário dos outros conhecimentos.

Uma breve pesquisa na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação - (BRAPCI) nos anos de 1972 a 2017 e nos cadernos da International Society Knowledge Organization - (ISKO) (Brasil e Internacional), na ISKO Brasil no 2012 a 2017 e na ISKO Internacional de 1990 a 2016, localizamos publicações que versam sobre o conhecimento social e historicamente oprimido (Saldanha, 2018).

As publicações referem-se à diversidade cultural, sexualidade, gênero, religião e sobre os aspectos éticos na Organização do Conhecimento que visam refletir sobre o fazer do bibliotecário no processo de indexação evitando visões particulares na representação do conteúdo. Neste sentido, Guimarães (2006) citado por Guimarães e Pinho (2007, p. 11)

[...] observa que os problemas de natureza ética que se destacam, a partir da literatura e da prática profissional, são os que se referem ao preconceito na análise ou na representação e, ainda, nos sistemas de classificação, cujas hierarquizações estabelecem desrespeito entre diferentes culturas, reforçando a idéia de preponderância ou revelando de certa maneira proselitismo.

Com relação a estudos que se articulam sobre as populações de origem africana nos Sistemas de Organização do Conhecimento, temos os trabalhos de Miranda et al (2016) “A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH)” que visa analisar a organização do etnoconhecimento dos afrodescendentes nos sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH); “A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas na CDD e na CDU” que tem o mesmo objetivo do artigo anterior sem o acréscimo da LCSH (Miranda; Oliveira; Paranhos, 2011) no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBD); “Organização e representação do conhecimento em religiões yorubanas na Library of Congress Subject Headings” que tem por objetivo fornecer subsídios para a construção e reforma de sistemas de organização do conhecimento com representação da religião Yorubanas, a pesquisa foi publicada na International Society for Knowledge Organization (ISKO-BRASIL) em 2012 (Miranda et al, 2012); “A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD” publicado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) em 2007 (Miranda, 2007). Miranda (2007, p. 2) analisa o sistema de representação do conhecimento com base no Etnoconhecimento, que são saberes “produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal”. Tais análises demonstram que a representações das religiões de matrizes africanas são limitadas e, ao mesmo tempo, em que possui limitações ocorre a desqualificação desta.

Assim como Miranda, os pesquisadores Silva e Almeida (2017) publicaram sobre “A representação do negro em sistemas de organização do conhecimento no Brasil” (Silva; Almeida, 2017) no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) em 2017 que visa problematizar sobre como estão representados os negros e os assuntos correlatos à comunidade negra nos sistemas de organização do conhecimento ensinados nos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Percebe-se que há um olhar crítico no que se refere às representações dos sujeitos

socialmente marginalizados e pouco contemplado nos SOCs frente à diversidade cultural no contexto brasileiro.

No decorrer da análise de conteúdo, detectou-se elementos que alimentam e retroalimentam o imaginário social, tais como: sub-representação, limitação, invisibilidade e representação negativa.

A **sub-representação** no sistema de classificação está relacionada com a maior abrangência da religião cristã em detrimento das outras religiões. Esse aspecto, relacionada com a predominância da religião cristã, tem a ver com o pensamento hegemônico eurocêntrico que por meio da regulação e a emancipação, com o objetivo de legitimar o poder do norte global (Santos, 2010) em relação às outras regiões, via apropriação e violência, impôs a universalidade da religião cristã nos territórios colonizados. A **limitação** refere-se a não contemplação de maneira específica das religiões de matriz africana, ou seja, as religiões de matriz africana não são representadas de forma explicitamente de uma maneira mais ampla/completa, sabendo-se que esta religião possui muitas variedades ou vertentes. Conforme Miranda, Paranhos, Oliveira e Paes, (2012, p. 158), no instrumento de representação “não evidencia os tipos de religiões de matrizes africanas de um modo geral, nem o Jeje-Mahin (Religião yorubana) e Angola (outra religião de matriz africana de origem Bantú)”. Assim acontece com as divindades, não são contemplada de maneira ampla conforme suas vertentes.

[...] nem todos os Orixás estão representados dos 16 mais conhecidos no Panteão das Divindades Iorubanas, apenas Iansã, Oxosse, Oxum e Xangô, assim mesmo como deidades afro-brasileiras e não Africanas e/ou Iorubanas. Nem Ogun, o mais popular dos Orixás em qualquer religião de matriz africana. (MIRANDA, PARANHOS, OLIVEIRA, PAES, 2012, p. 158)

No entanto, as limitações podem levar a uma **invisibilidade**, que consiste em não ser representada de forma explícitas nas classes de 210 a 290, são encontrada sem muita evidência, “apenas na classe 290 Religião Comparada e Outras Religiões Não-Cristãs.” (MIRANDA, 2009, p. 14). Contudo, a **representação negativa**, que consiste em uma distorção da realidade geram estereótipos que desqualificam a religião de matriz africana que não se enquadra nos valores ocidentais de conhecimento válidos e científicos. Para esta religião foram impostas os termos magia, macumba, religião do diabo que perpetua até hoje no imaginário social. Portanto, para Santos (2010, p. 34) essa religião configura-se como um conhecimento incomensurável e incompreensível “por não obedecerem, nem aos critérios científicos de verdade, nem aos dos conhecimentos, reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia”.

Constata-se que apesar de serem chamados de instrumentos de representação do conhecimento universais, emblema instituído na modernidade, o sistema de classificação, nesse caso a CDD, não contempla todas as culturas e são carregados de ideologias (Pinho, 2006), ou seja, representa de forma mais ampla uma cultura em detrimento da outra, nesse caso a européia e a estadunidense.

A classificação de Dewey no contexto brasileiro reforça o imaginário social com relação a representação da cultura afro-brasileira, no que se refere a religião. Estas, segundo Miranda (2009), estão sub-representadas, isto é, com pouca ênfase e pouco visíveis presentes em categorias que legitimam a uma religião de caráter primitivo. Dos conhecimentos existentes sobre a história e cultura afro-brasileira, o sistema de classificação não abrange amplamente esse conhecimento. Nesse sentido, a recuperação da informação e sua organização ficam ineficientes limitando o acesso às informações, além de contribuir para moldar o pensamento de quem utiliza esse instrumento de classificação e de quem procura por essas informações.

#### 4 Considerações finais

A sociedade por meio de relações sociais juntamente com as instituições baseadas nos parâmetros dominantes constrói e propaga o imaginário social, não sendo diferente com o campo da Ciência da Informação que também auxilia a divulgação e não na desconstrução do imaginário social relacionada a História e Cultura Africana quando estes assuntos são tratados em sala de aula sem nenhuma análise e questionamentos dos sistemas de classificação. A visão que se tem do conhecimento afro-brasileiros é de um conhecimento desqualificado, primitivo, alimentando o imaginário social da população, no que concerne à religião de matriz africana como uma religião que não se adequa aos valores cristãos. As religiões de matriz africana são consideradas e perpetuadas como religião satânica e contribui na manutenção do preconceito e discriminação. O sistema de classificação, moldado com perspectiva eurocêntrica e colonialista, possibilita uma representação limitada e a dispersão semântica do sistema de classificação interferindo na indexação e recuperação da informação da temática afro-brasileira, causando certo desvio e uma representação de caráter marginalizado, que torna inviável o acesso as essas memórias ou as torna inexistentes.

Portanto, se a CDD representa e dá acesso à memória, sendo este sistema utilizado em grande parte das bibliotecas brasileiras, deveria representar de uma maneira fidedigna as populações de origem africana e suas culturas para evitar a naturalização do imaginário que se tem sobre essa população.

## 5 Referências

Cardoso, F. do C (2010). **Memória, Informação E Identidade Negra Na Biblioteca Pública**. Disponível em:<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3628/2752>>. Acesso em:11 jun 2018.

Baczko. B (1985). Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moed.

Berger, P. L.; Luckmann, T (2011). **A construção social da realidade**. Petropole: Vozes.

Bourdieu, P. (2011). **A distinção: crítica social do julgamento**. 2 Ed. Porto Alegre: Zook.

Bourdieu, P. (2011). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.

Bourdieu, P. (2007). **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Castoriadis, C. (1982). **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Chartier, R. (1990). Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Chartier, R. (2002). O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

Costa, A. F. da (2018). Resenha. **Thompson, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Disponível em: <<https://docobook.com/thompson-john-b-ideologia-e-cultura-moderna-teoria-social-cr.html>>. Acesso em: 20 maio 2018

Guimarães, J. A. C.; Pinho, F. A. (2007). **Desafios da Representação do Conhecimento: Abordagem Ética**. Informação & Informação, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. Disponível em:<

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1753/1500> >. Acesso em:20 mar.2018

Guimarães, J. A. C.; Pinho, F. A. (2007). **Desafios da Representação do Conhecimento: Abordagem Ética**. Informação & Informação, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1753/1500>>. Acesso em:20 mar.2018

Halbwachs, M. (1990). **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice.

Ibri, I. (1992). **A. Kósmos Noëtós**. São Paulo: Perspectiva: Hólon.

Jardim, J M.(1995) A invenção da memória nos arquivos públicos. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/03/pdf\\_cfb64eeaa1\\_0008801.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_cfb64eeaa1_0008801.pdf)> Acesso em: 28 jan. 2018.

Luz, M. A. (2010). **Cultura Negra e a ideologia do recalque**. Salvador:EDUFBA.

Magalhães, W. L. (2016). **O imaginário Social como um campo de disputa: um dialogo entre Baczko e Bourdieu**. Albuquerque- – revista de história. vol. 8, n. 16. jul.-dez. p. 92-110.

Miranda, M. L. (2007). A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, **Anais...** Salvador. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/345/GT2--341.pdf?sequence=1>>. Acesso em:20 mar.2018

Miranda, M. L. C., Oliveira, J. X.& PARANHOS, J. P. B. (2011). **A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas na CDD e na CDU**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Maceió. Trabalhos técnico-científicos. Maceió: FEBAB.

Miranda, M. L. et al.(2016). A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU E LCSH). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 17., **Anais...**, v. 17, 2016. Disponível em:<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000011157/504713479b956e404d30a487205a5308/>. Acesso em:20 mar.2018

Nora, P. (1993). **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez.

Nöth, W. (2005). **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 4. ed. São Paulo: Annablume.

Pinho, F. A.(2006). **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol**. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: . Acesso em: 6 jun. 2018

Quijano, A. (2010).Colonialidade do poder e classificação social. In.: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologia Sul**. São Paulo: Cortez.

Saldanha, G. S.(2017). Sobre a O<sup>2</sup>S<sup>2</sup>O, de tesouro à Bourdieu: linguagem simbólica e a organização ordinária dos saberes socialmente oprimidos. In: Lucas, E. R. de O., Silveira, M. A. A. da. **A Ciência da informação encontra Pierre Bourdieu**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

Santaella, L.(2000) **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Ática.

Santaella, L. (1983). **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense.

Santos, B. de S (2010).Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: Santos, B. de S.; Meneses, M. P. (Org.). **Epistemologia dos Sul**. São Paulo: Cortez.

Silva, M. F. da; Almeida, C. C. de. (2017). **A representação do negro nos sistemas de organização do conhecimento no Brasil**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 17., Anais..., v. 17.Disponível em:<<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/446/1184>.> Acesso em:20 mar.2018.

Silveira, L. F. B. (2007). **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin.